

*EM*  
*DISCURSO*4

DÉCIO ROCHA  
BRUNO DEUSDARÁ  
POLIANA ARANTES  
MORGANA PESSÔA  
(ORGANIZADORES)



# PESQUISAR COM GÊNEROS DISCURSIVOS: INTERPELANDO MÍDIA E POLÍTICA

## NESTA EDIÇÃO:

Almerindo Simões Junior  
Amanda dos Santos Moura  
Anna Carolina Land  
Diogo Pinheiro  
Estêvão Freixo  
Fátima Pessoa  
Giselle Almada  
Glaucia Almeida Reis Blanco  
Glória Di Fanti  
Isabel Cristina Rodrigues  
Janaína Cardoso  
Julia Scamparini  
Juliana R. Azevedo  
Liana Biar  
Luciana Salazar Salgado  
Maria do Socorro Morato Lopes  
Morgana Maria Pessôa Soares  
Naira Velozo  
Priscila Gurgel Thereso  
Sophie Moirand  
Thatiana Muylaert  
Vanessa Fonseca Barbosa  
Viviane Roux

cartolina  
editora

## Em Discurso 4

Pesquisar com gêneros discursivos: *interpelando mídia e política*

© 2020 dos autores

1ª Edição

Projeto Gráfico  
Editora Cartolina Ltda

Editora Assistente  
Erica Lobão Coscarella

Coordenação Editorial  
Morgana Maria Pessôa Soares

## Conselho Editorial

Prof. Dra. Morgana Maria Pessôa Soares – Editora Cartolina

Prof. Dr. Ernani Cesar de Freitas – UPF – RS

Prof. Dra. Fátima Cristina da Costa Pessôa — UFPA

Prof. Dr. Georg Walter Wink — University of Copenhagen — DEN

Prof. Dr. Heitor Coelho Franca de Oliveira — UERJ – RJ

Prof. Dra. Janaina da Silva Cardoso — Uerj

Prof. Dra. Liana de Andrade Biar — Puc-Rio

Prof. Dra. Marcell Charchiglia Aquino — USP

Prof. Dr. Rui Manuel de Sousa da Silva — Universidade do Porto — POR

Prof. Dra. Virgínia Colares — UNICP – PE



Publique suas ideias!

Autores:

Almerindo Simões Junior

Amanda dos Santos Moura

Anna Carolina Land

Diogo Pinheiro

Estêvão Freixo

Fátima Pessoa

Giselle Almada

Gláucia Almeida Reis Blanco

Glória Di Fanti

Isabel Cristina Rodrigues

Janaína Cardoso

Julia Scamparini

Juliana R. Azevedo

Liana Biar

Luciana Salazar Salgado

Maria do Socorro Morato Lopes

Morgana Maria Pessôa Soares

Naira Velozo

Priscila Gurgel Thereso

Sophie Moirand

Thatiana Muylaert

Vanessa Fonseca Barbosa

Viviane Roux

Em discurso 4 — Pesquisar com gêneros discursivos: *interpelando mídia e política*

organizadores Décio Rocha, Bruno Deusdará, Poliana Arantes, Morgana Pessôa  
— Rio de Janeiro-RJ: Cartolina, 2020

vários autores.

ISBN: 978-65-992256-9-7

Digital: 800 x 600 dpi — 250 páginas

1. Análise do discurso — gêneros do discurso. 2. Linguística Aplicada. 3. Mídia. 4. Política I. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. II. Título

CDD-410

Editora Cartolina

Rua Pompeu Loureiro, 32

Cep: 22061-900 — Rio de Janeiro — RJ

www.editoracartolina.com.br

cartolina@editoracartolina.com.br

# Notas sobre gêneros do discurso em Bakhtin, Volóchinov e Medviédev

Vanessa Fonseca Barbosa

Maria da Glória Corrêa di Fanti

NO QUE DIZ RESPEITO AO CONJUNTO DO REFERENCIAL teórico-metodológico desenvolvido pelos autores do conhecido Círculo de Bakhtin<sup>1</sup>, podemos afirmar que, no Brasil, um dos termos mais recorrentes, na área de estudos da linguagem, é o de *gêneros do discurso*<sup>2</sup>. Faraco (2009, p. 22), no livro *As ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*, afirma que, após a reforma do ensino em nosso país, no ano de 1996, chegamos ao “uso inflacionado” dos *gêneros discursivos*, a partir de “certa cristalização do conceito em sua transposição pedagógica”.

Trata-se de um postulado, afinal, mencionado inclusive em nossos documentos oficiais voltados ao ensino de línguas (tanto materna quanto estrangeiras), a partir da orientação de que sejam utilizados diversos gêneros discursivos pelos professores como um norteador da prática docente. Sob nossa compreensão, apesar de ser um constructo de muita relevância para pensarmos a pesquisa e o ensino de línguas, o desgaste vinculado ao conceito de gêneros está relacionado, muitas vezes, por abordagens que o reduzem aos aspectos estritamente textuais, isto é, trabalham apenas os elementos linguísticos de sua constituição, desconsiderando, portanto, a fundamental inter-relação constitutiva desses importantes elementos com as questões discursivas.

Soma-se a isso o fato de que muitos leitores conhecem o clássico ensaio de Bakhtin (2016), intitulado *Os gêneros do discurso* (1952-1953), mas desconhecem outras reflexões basilares, advindas dos encontros dos autores do Círculo, que são fundamentais para a compreensão das afirmações desenvolvidas por Bakhtin nos anos de 1950, o que contribui para a redução no modo de compreender o postulado dos gêneros.<sup>3</sup> Assim, um desafio que se estabelece repousa sobre a importância de se conhecer trabalhos de Bakhtin, Volóchinov e Medviédev, produzidos durante os encontros do Círculo, nos quais está o embrião das

---

1 Círculo de Bakhtin, expressão cunhada por pesquisadores contemporâneos, designa um conjunto de intelectuais de formações e interesses distintos que, de 1919 a 1929, reuniram-se na Rússia para refletir sobre questões variadas, como linguagem, filosofia, arte e literatura. Os principais componentes do Círculo, representantes da linguagem, são Mikhail Bakhtin, Valentin Volóchinov e Pável Medviédev (FARACO, 2009).

2 Neste capítulo, utilizaremos as expressões *gêneros do discurso* e *gêneros discursivos* como equivalentes.

3 Não desconsideramos o fato de que Bakhtin (1895-1975), por ter vivido mais do que Volóchinov (1895-1936) e Medviédev (1891-1938), teve a oportunidade de dar continuidade às suas reflexões, após a dissolução do Círculo, a partir dos anos de 1930. Entretanto, há uma estreita convergência entre as ideias do autor veiculadas em trabalhos subsequentes e à abordagem que desenvolveram em conjunto, conforme sinalizaremos neste capítulo, o que nos permite alargar a designação Círculo de Bakhtin para todas as produções, independentemente da data de escrita e de publicação.

reflexões subsequentes de Bakhtin, que dão a dimensão do potencial da noção de gêneros para o estudo e ensino da linguagem.

Outra problemática que se impõe diz respeito ao educador que busca possíveis formas de transposição didática, visando seguir as orientações oficiais, mas que não são encontradas, já que as reflexões, em sua construção, não têm como finalidade o ensino. Nessa perspectiva, o trabalho com a linguagem, especialmente nas aulas de português como língua materna, é uma missão desafiadora ao docente, pois, de um lado, ele lida com a necessidade de administrar uma gama de conteúdos que lhe são impostos pelas orientações institucionais, os quais devem ser seguidos e têm de ser vencidos em um curto espaço temporal. De outro lado, precisa também administrar o conflito entre a metalinguagem que será repassada aos estudantes e as questões estilísticas que envolvem os processos de produção de sentidos na linguagem, buscando encontrar um equilíbrio necessário entre ambos os aspectos.

Partindo dessas questões e do reconhecimento a respeito da importância da teoria dialógica para as pesquisas na área dos estudos da linguagem, neste capítulo, temos por objetivo refletir sobre a noção de *gêneros do discurso*, bastante conhecida no Brasil, mas que ainda carece, a nosso ver, de um trabalho que pondere sobre algumas das principais facetas norteadoras desse postulado, considerando a produção do Círculo, tomada em conjunto e em diálogo com a subsequente escrita individual de Bakhtin. Essa abordagem, ao não se limitar, portanto, ao ensaio *Os gêneros do discurso*, como se apenas ele abarcasse a origem do conceito, considera o diálogo entre os autores e suas obras, assim como o (re) conhecimento de questões que são fundamentais à compreensão dos *gêneros discursivos*.<sup>4</sup>

Assim, neste estudo, retomaremos considerações tecidas nos textos de Bakhtin, Volóchinov e Medviédev sobre a noção de *gêneros discursivos*, a qual perpassa a construção do pensamento bakhtiniano e sua perspectiva dialógica, enfatizando aspectos fundamentais para a sua compreensão, como é o caso das abordagens relativas a enunciado, esfera e ideologia<sup>5</sup>. Para tanto, organizamos esta reflexão em três seções, seguidas das considerações finais. Na primeira, tratamos da relação entre gêneros e enunciado; na segunda, da relação entre gêneros e esfera de atividade humana e, na terceira, da relação entre gêneros e ideologia.

---

4 É importante destacar, para este estudo, as traduções diretas do russo dos textos de Bakhtin, Volóchinov e Medviédev feitas por Paulo Bezerra, Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo, que têm proporcionado uma maior aproximação com os textos originais e, conseqüentemente, novas reflexões sobre o conjunto da obra do Círculo.

5 Agradecemos à professora Sheila Grillo as contribuições, durante a disciplina *Leitura, Texto e Discurso*, no Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, no segundo semestre de 2020, que permitiram melhor (re)organizar este estudo.

## GÊNEROS DISCURSIVOS E ENUNCIADO

Um dos primeiros aspectos necessários à compreensão do conceito de gêneros do discurso, a nosso ver, diz respeito à necessidade de entendimento do conceito de *enunciado* diante do fato de que ele é parte integrante e constitutiva dos gêneros discursivos. Desse modo, observamos que não basta considerar a clássica afirmação de Bakhtin (2016, p. 12) de que “[...] cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*”, se não entendermos essa noção fundante que a eles está relacionada.<sup>6</sup>

Para tratar do enunciado, retomamos algumas passagens dos escritos do Círculo, destacando a sua íntima relação com o texto de Bakhtin dos anos de 1950. Iniciamos esse recorte estabelecendo um diálogo com o trabalho de Medviédev (2012, p. 193), *O método formal nos estudos literários* (1928), que, ao abordar o problema do gênero, deixa claro já no começo do capítulo relativo aos elementos da construção artística que “a poética deve partir precisamente do gênero”. Justifica sua posição a consideração de que “o gênero é uma forma típica do todo da obra, *do todo do enunciado*”, o que leva à conclusão de que “uma obra só se torna real quando toma a forma de determinado gênero”. Volóchinov (2019a, p. 269), por sua vez, em um dos textos dos anos de 1930, *A construção do enunciado*, ao discorrer a respeito dos elementos de construção do enunciado, também enfatiza a sua íntima ligação com o gênero, destacando que “cada um dos tipos da comunicação organiza, constrói e finaliza, *a seu modo*, a forma gramatical e estilística do enunciado, sua *estrutura típica*, que chamaremos de *gênero*”.

Assim, quando Bakhtin (2016, p. 29) postula que o enunciado é a unidade básica e real da comunicação discursiva e que todo enunciado concreto tem “[...] um princípio absoluto e um fim absoluto: antes do seu início, os enunciados de outros; depois do seu término, os enunciados responsivos de outros”, o autor está retomando um fundamento da abordagem dialógica da linguagem que exige nossa atenção sobre a cadeia discursiva em que tais constructos discursivos se inserem. Isso demanda compreendermos também que os gêneros não podem ser considerados à parte da engrenagem comunicativa que lhes constitui.

Um trabalho com os gêneros do discurso, sob esse enfoque, considera, entre outros tópicos, que os gêneros se organizam via construção de enunciados que se produzem e circulam em determinada esfera de atividade humana, por meio de um dado projeto de dizer do autor (locutor), endereçado a alguém (interlocutores reais ou presumidos), por meio de certas valorações ideológicas, com vistas a cumprir uma dada função social. Práticas

---

<sup>6</sup> Cabe-nos destacar que os termos enunciado e enunciação são tomados muitas vezes como equivalentes nos postulados bakhtinianos. Conforme afirma o tradutor Paulo Bezerra, em nota de rodapé da tradução do ensaio *Os gêneros do discurso*, Bakhtin não faz distinção entre os termos e “emprega o termo *viskázivanie* quer para o ato de produção do discurso oral, quer para o discurso escrito, o discurso de uma cultura, um romance já publicado e absorvido por uma cultura etc.” (BEZERRA, 2016, p. 11).



que não contemplem essas questões, ainda que sejam legítimas em seus variados fins, não estão alinhadas à concepção de gêneros discursivos desenvolvida por Bakhtin e o Círculo.

Também é de suma importância considerar que, para a teoria dialógica do discurso, os gêneros e, em consequência, os enunciados que lhes (trans)formam fazem parte da história da sociedade. Nesse sentido, Bakhtin (2016, p. 20) destaca o fato de que “os enunciados e seus tipos, isto é, os gêneros discursivos, são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem”. Tal afirmação põe em relevo a intrínseca relação entre língua e sociedade, indicando que os gêneros são dinâmicos, heterogêneos e atendem às necessidades dos indivíduos em suas diferentes interações sociais. Assim, enquanto alguns gêneros podem se tornar obsoletos, perdendo sua função principal, e/ou serem reacentuados em dadas condições, outros são criados e recriados acompanhando as transformações dinâmicas da sociedade. Medviédev (2012, p. 183), a esse respeito, afirma que o enunciado pertence à realidade social e dela não pode ser separado, afinal, “a própria presença peculiar do enunciado é histórica e socialmente significativa. Da categoria de uma realidade natural, ele passa para a categoria de uma realidade histórica”. Em outras palavras, o enunciado está intimamente relacionado com uma dada época e com as condições sociais que lhe são características.

Portanto, o modo como lidamos com a compreensão dos enunciados materializados nos inúmeros e variados gêneros discursivos convoca-nos a reflexões de maior abrangência da linguagem do que se considerássemos apenas e estritamente as questões linguísticas de sua constituição, ainda que estas também sejam de suma relevância para um trabalho de natureza dialógica. Nessa perspectiva, a compreensão do enunciado concreto, como observa Medviédev (2012, p. 185), impõe o reconhecimento da “sua atmosfera axiológica e sua orientação no meio ideológico”, uma vez que “a entonação expressiva que dá cor a cada palavra do enunciado reflete sua singularidade histórica, diferente da entonação sintática que é mais estável”. O caráter expressivo é, pois, determinado “por toda sua plenitude e integridade individual, e por toda sua situação concreta e histórica”. Há, desse modo, uma avaliação social, que, conforme Volóchinov (2019b, p. 122-123), em *A palavra na vida e a palavra na poesia* (1926), “[...] determina a própria *escolha* da palavra e a *forma* do todo verbal, encontrando a mais pura expressão na *entonação*”, que estabelece uma relação orgânica “*entre o verbal e o extraverbal, entre o dito e o não dito*” no enunciado. É pela entonação que “a palavra entra em contato direto com a vida” e que “o falante entra em contato com os ouvintes” (VOLÓCHINOV, 2019b, p. 123).

Ao encontro de tais afirmações, Bakhtin (2016, p. 48, 17-18) observa que “a entonação expressiva é um traço constitutivo do enunciado”. A língua, por essa concepção, “passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua. O enunciado é um núcleo problemático de importância excepcional” (BAKHTIN, 2016, p. 16). De acordo com os autores do Círculo,

como podemos observar, a preocupação em trabalhar com uma unidade – o enunciado – que evidencia a concretude da linguagem e que considera o interlocutor e a sua posição ativo-responsiva é um problema de grande relevância, que não pode ser ignorado por quem trabalha com gêneros do discurso. É no enunciado, entendido, por Bakhtin (2016) e Volóchinov (2018), como elo na cadeia da comunicação discursiva em sua relação indissociável com as esferas de atividade, que ecoam ressonâncias de outros enunciados, tanto passados (via respostas) quanto futuros (via antecipações), o que configura distintas atitudes responsivas do locutor, não só em relação ao objeto do dizer mas também acerca dos discursos outros sobre ele.

Pelos enunciados também observamos, segundo Bakhtin (2016, p. 12), três elementos que se ligam organicamente nos gêneros: conteúdo temático, estilo e construção composicional. Esta relaciona-se às partes de articulação composicional do gênero como, por exemplo, as estrofes e os versos que organizam um poema ou as seções que compõem um artigo científico. Algumas vezes, a primeira pista de reconhecimento de um gênero dá-se pela identificação de sua construção composicional, no entanto só o conjunto dos elementos confirmará que gênero é.<sup>7</sup> Enquanto a construção composicional corresponde à estrutura da parte e do todo, o conteúdo temático instaura-se de modo singular na relação entre a composição e o estilo no todo do enunciado. Medviédev (2012, p. 196-197) apresenta uma reflexão sobre o tema como uma unidade voltada para “o todo do enunciado”, um “ato sócio-histórico”. Também Volóchinov (2018, p. 229), em *Marxismo e filosofia da linguagem* (1929), discute a diferença entre tema e significação, mostrando que o tema está para o sentido da totalidade do enunciado, enquanto a significação corresponde a “um artefato técnico de realização do tema”.

A esse respeito, Sobral (2009, p. 74-75) destaca a importância de não confundirmos o conteúdo temático do gênero com o assunto, pois essa compreensão é equivocada, já que o tema corresponde ao “[...] sentido concreto, contextual, sentido que parte do sentido abstrato, registrado nos dicionários, e vai além dele”. É a congruência entre os fatores internos e externos ao gênero, verbais e não verbais, que nos dá a real percepção do conteúdo temático, ou, como destaca Sobral, da “unidade temática” do gênero, a qual “[...] é uma mobilização de formas da língua segundo as condições da enunciação, é o lugar em que significação + enunciação produzem sentido”. Por isso, o autor enfatiza que o termo unidade temática, conforme postulado por Medviédev (2012), é preferível ao de tema, tendo em vista que “[...] não vem das palavras ou frases nem de suas combinações por si só, embora as tenha como um de seus elementos, mas do discurso como um todo” (SOBRAL, 2014, p. 23).

---

7 A importância de olhar os três elementos em conjunto deve-se à possibilidade de alguns gêneros, aqueles com maior plasticidade, permitirem uma maior variabilidade de sua composição. Por exemplo, uma propaganda pode ter diversas construções composicionais, como forma de bula de remédio, consulta médica etc.

O estilo, por sua vez, refere-se à “seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua”. Por esse motivo, “a escolha de uma forma gramatical pelo falante é um ato estilístico”, que revela características do estilo da linguagem do gênero e do estilo individual do locutor (BAKHTIN, 2016, p. 22). Para Medviédev (2012, p. 185), cada elemento da língua é tomado a partir da avaliação social, por isso a palavra entra no enunciado a partir da vida (e não do dicionário), “passando de um enunciado a outro”. Dessa forma, seguindo o pensamento bakhtiniano, podemos entender que, a partir de um projeto enunciativo, o locutor, na relação expressiva com o objeto do discurso e com o interlocutor, materializa o seu dizer em um gênero, o qual organiza o discurso via estilo, tema e construção composicional para a interação social.

Os trabalhos de Bakhtin e do Círculo, nesse cenário, ajudam a perceber que aprendemos uma língua a partir de gêneros discursivos, não de orações isoladas. Aliás, é via escolha e organização dos gêneros que aprendemos a construir enunciados mais diversos, os quais nos possibilitam fazer um pedido, escrever um memorando, iniciar e concluir uma conversa mais ou menos formal, organizar uma palestra etc. E, nesse processo de interação discursiva via gêneros, conforme destaca Bakhtin (2016, p. 33), “intercambiam-se enunciados que são construídos como auxílio das unidades da língua: palavras, combinações de palavras, orações”.

Nessa perspectiva, “[...] falamos apenas através de certos gêneros do discurso, isto é, todos os nossos enunciados têm *formas* relativamente estáveis e típicas de *construção do conjunto*. Dispomos de um rico repertório de gêneros do discurso orais (e escritos)” (BAKHTIN, 2016, p. 38). A seleção que fazemos desse repertório e nossa vivência com os gêneros nos permitem que sejamos mais ou menos proficientes nas múltiplas situações reais de utilização da linguagem, de realização do projeto de dizer do locutor. Por conseguinte, a interação verbal em dada situação de comunicação poderá ocorrer de forma mais ou menos bem-sucedida a depender do domínio que o locutor tem dos gêneros do discurso em uma esfera. Já o insucesso dessa interação, por sua vez, não tem ligação alguma com, por exemplo, a propriedade vocabular dos falantes, uma vez que “muitas pessoas que dominam magnificamente uma língua sentem amiúde total impotência em alguns campos da comunicação, justo porque não dominam na prática as formas do gênero desses campos” (BAKHTIN, 2016, p. 41).

A experiência com situações diversas e o contato com múltiplos gêneros vai aumentando o repertório sociocultural e também linguístico do locutor, posto que “quanto mais dominamos os gêneros, maior é a desenvoltura com que os empregamos e mais plena e nitidamente descobrimos neles a nossa individualidade (onde isso é possível e necessário), refletimos de modo mais sutil a situação singular da comunicação” (BAKHTIN, 2016, p. 41). Disso decorre, a nosso ver, a potência desse constructo teórico para pensarmos atividades de ensino de línguas voltadas ao desenvolvimento da competência discursiva dos falantes, seja em sua língua materna seja na aquisição de uma língua estrangeira, desde que tenhamos



como mote organizador desse trabalho a devida atenção para o *enunciado* enquanto elemento fundador dos gêneros, em comunhão com as esferas sociais e a ideologia, tal como abordaremos nas seções seguintes.

## GÊNEROS DO DISCURSO E ESFERAS DE ATIVIDADE HUMANA

Os estudos dos trabalhos do Círculo e de Bakhtin nos mostram que a definição de esfera (ou campo)<sup>8</sup> é fundamental para a compreensão dos conceitos-chave da abordagem dialógica, como o de *gêneros discursivos*, tendo em vista que, no universo social em que nos situamos, cada esfera tem seu modo próprio de refletir e refratar os fatos que acontecem ao nosso redor, afinal, “em cada campo existem e são empregados gêneros que correspondem às condições específicas de dado campo” (BAKHTIN, 2016, p. 18). Nessa direção, Volóchinov (2018, p. 94) também aborda essa questão, ao afirmar que “cada campo da criação ideológica possui seu próprio modo de se orientar na realidade, e a refrata a seu modo. Cada campo possui sua função específica na unidade da vida social”. Por isso, compreender o conceito de campo/esfera é de grande importância para um trabalho com os gêneros do discurso.

Grillo (2005, p. 176), ao aproximar os conceitos de esfera, na perspectiva dialógica, com o de campo, sob a definição de Pierre Bourdieu, mostra que é possível entendermos as duas compreensões “como um domínio sócio-discursivo, caracterizado por um modo próprio de organização do social e da linguagem, o que produz uma ordem específica de refração ou de tradução da base sócio-econômica comum e dos outros campos da atividade humana”. Sendo assim, entendemos que os fenômenos da realidade são interpretados pelos sujeitos a partir das demandas que são próprias de cada uma das esferas sociais que lhes cercam, as quais têm suas especificidades, mas também mantêm relações de interação mais ou menos próximas, o que está intimamente ligado aos gêneros que são produzidos e circulam nessas esferas.

Um exemplo atual que bem ilustra essas afirmações diz respeito à situação da pandemia mundial que vivenciamos, a qual é (e será) refletida e refratada em cada esfera com as suas particularidades, a partir dos gêneros que lhes são característicos. Desse modo, se pensarmos na esfera jornalística, por exemplo, veremos as notícias, as reportagens, os editoriais etc. que lhes são constitutivos neste (e a respeito deste) momento; na esfera científica, teremos os artigos, as comunicações e mesmo o surgimento já de TCCs, dissertações e teses em diferentes áreas do saber que contemplam aspectos da pandemia; podemos mencionar ainda a esfera política, com as suas assembleias, seus fóruns e debates ou a esfera religiosa com os sermões e cultos que lhe são próprios.

---

8 Conforme destaca Grillo (2006, p. 10), “As traduções em português da obra do Círculo alternam os termos campo e esfera”.



À vista disso, é nas esferas que ocorre a produção dos enunciados verbais e não verbais materializados por meio dos gêneros, conforme assinala Bakhtin (2016, p. 12), já que a multiplicidade e riqueza dos gêneros são infinitas, “porque são inesgotáveis as possibilidades da multifacetada atividade humana e porque em cada campo dessa atividade vem sendo elaborado todo um repertório de gêneros discurso”. Repertório este, cabe destacar, que se complexifica, tal nos mostra o autor, na mesma medida em que também se desenvolve e mais complexa fica a esfera que lhe é peculiar.

Logo, em nosso contínuo processo discursivo, a relação entre os enunciados se dá dentro de determinada esfera, por meio de certo gênero, ou seja, as esferas organizam os gêneros e estes, os enunciados. Algumas esferas, e conseqüentemente seus gêneros, são mais híbridas e abertas à relação com outras esferas, como é o caso da publicitária e literária. Por exemplo, segundo Medviédev (2012, p. 60), “a literatura, em seu “conteúdo, reflete e refrata as reflexões e refrações de outras esferas ideológicas [...], ou seja, a literatura reflete, em seu “conteúdo” a totalidade desse horizonte ideológico, do qual é uma parte”.

Em outras palavras, a especificidade da literatura, comparada a outros campos, está no fato de que nela refrata-se o que em outras esferas já foi refratado. Na elaboração de um romance, por exemplo, podemos encontrar uma gama de gêneros que são característicos das esferas religiosa, científica, publicitária, política etc. Por esse motivo, quanto mais conhecimento tivermos sobre as esferas em que os gêneros se constituem, mais domínio e melhor compreensão teremos também da função que eles exercem. Para os autores do Círculo, as distinções entre esferas e gêneros são necessárias não para que estabeleçamos categorizações ou tipologias textuais, mas para que nos possibilitem melhor compreender o funcionamento, o papel social que os gêneros desempenham.

Nesse sentido também é que Bakhtin (2016, p. 15) postula a distinção entre gêneros primários (simples) e secundários (complexos), ao mostrar que estes emergem “nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado [...]. No processo de sua afirmação, eles incorporam e reelaboram diversos gêneros primários (simples), que se formaram nas condições da comunicação discursiva imediata”. Os gêneros primários são, segundo o autor, comuns em materializações orais, e os secundários, em materializações escritas, pois, mesmo quando se tornam orais, os gêneros secundários ainda continuam produzidos sob forte influência dos gêneros escritos, como é o caso de uma aula oral por exemplo. Sua constituição, nessa situação, é mais sistemática, porque, enquanto aula oral, ela se insere em dada esfera institucional (universidade, escola, curso etc.) e se desenvolve a partir de gêneros secundários (artigos, conferências, tratados científicos, entre outros). Isso significa que há, nesse caso, conceitos que embasam a organização da oralidade, há uma estabilidade maior e, claro, conseqüências ao trabalho

que é produzido em tal esfera. Já em uma conversa informal, por exemplo, as ideias são mais fluidas e passageiras, elas não têm um conjunto conceitual com maior estabilidade.

Volóchinov (2018, p. 145), ao discorrer sobre a delimitação do real objeto da filosofia da linguagem na abordagem sociológica, destaca que é necessário inserir os processos psicofísicos de dois sujeitos “em um conjunto muito mais amplo: na esfera de uma comunicação social organizada”. Segundo o autor, para que observemos o fenômeno da língua, é fundamental que o encontro entre duas pessoas ocorra em um terreno determinado, já que “o intercâmbio verbal só é possível nesse terreno determinado, por mais geral e, por assim dizer, ocasional que ele seja”. Dito de outro modo, para os princípios da abordagem dialógica, o encontro entre sujeitos e a consequente produção dos gêneros discursivos só ocorre(rá) em dada esfera da comunicação social.

Ao abordar a dupla relação do gênero na realidade, Medviédev (2012, p. 194-195) postula que “cada gênero é um tipo especial de construção e acabamento do todo, sendo que [...] trata-se de um tipo de acabamento temático e essencial, não convencional e composicional”. Tal acabamento orienta-se, de acordo com o autor, primeiro, para os ouvintes e receptores do enunciado e, em segundo lugar, orienta-se para a vida. Ele ilustra essas considerações, a partir do seguinte raciocínio: “a obra entra em um espaço e tempo real: para ser lida em voz alta ou em silêncio, ligada à igreja, ao palco ou ao teatro de variedades [...]. A obra ocupa certo lugar na existência, está ligada ou próxima a alguma esfera ideológica” (MEDVIÉDEV, 2012, p. 195).

Como percebemos, é na íntima relação com as esferas sociais, tal como citadas pelo autor, que uma obra (e os gêneros de modo geral) reflete(m) e refrata(m) seu modo de organizar e definir a realidade. Cabe enfatizarmos que nas esferas, portanto, é que se dão a manifestação dos sentidos materializados pelos gêneros, não como uma verdade absoluta de dado aspecto real do mundo, uma vez que “com efeito, no horizonte ideológico de qualquer época e de qualquer grupo social não existe uma única verdade, mas várias verdades mutuamente contraditórias, não apenas um caminho ideológico, mas vários divergentes” (MEDVIÉDEV 2012, p. 63).

Assim, pela análise das esferas em que se situam os gêneros, podemos avaliá-los e defini-los em consonância com os princípios dessa esfera em que se realizam, já que “cada gênero é capaz de dominar somente determinados aspectos da realidade, ele possui certos princípios de seleção, determinadas formas de visão e de compreensão dessa realidade, certos graus na extensão de sua apreensão e na profundidade de penetração nela” (MEDVIÉDEV, 2012, p. 196). Por isso, ratificamos que, ao entrarmos pela primeira vez em contato com determinado gênero, é de suma importância buscarmos compreender como se organiza(m) a(s) esfera(s) em que ele se edifica.

Nessa perspectiva, é essencial observar também o espaço social e socioidológico em que os gêneros se formam, porque, conforme assinala Bakhtin (2016, p. 57), “todo enunciado é

pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera da comunicação discursiva”, isto é, a esfera também determina a identidade estilística e o conteúdo do gênero. Todos esses elementos, é claro, ligam-se indissoluvelmente às ideologias que lhe são dominantes, tal como discorreremos na seção seguinte.

## GÊNEROS DO DISCURSO E IDEOLOGIA

Ao nos debruçarmos sobre os princípios epistemológicos da abordagem dialógica do discurso, compreendemos também o destaque dado aos autores para o papel da *ideologia* na constituição da linguagem, inscrevendo-a no centro do pensamento bakhtiniano como outro termo essencial ao entendimento dos conceitos-chave desenvolvidos, tal como o de *gêneros do discurso*. Desde a definição de “*palavra como o fenômeno ideológico par excellence*” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 98) até a compreensão da literatura como parte de dada esfera ideológica (MEDVIÉDEV, 2012) ou mesmo a ênfase dada para a importância da ideologia na distinção entre as esferas de constituição dos gêneros primários e secundários (BAKHTIN, 2016), todas essas considerações nos permitem vislumbrar a importância da ideologia na construção da filosofia da linguagem tal como desenvolvida pelos autores.

Medviédev (2012, p. 60), afirma, por exemplo, que “a vida, como totalidade de ações, acontecimentos e vivências determinadas, converte-se em enredo, fábula, tema, motivo, somente refratada pelo prisma do meio ideológico, somente encarnada em uma ideologia concreta”, ou seja, apenas quando refletida ideologicamente é que a “realidade bruta”, segundo o autor, pode converter-se em conteúdo da literatura. Bakhtin (2016, p. 47), ao tratar dos elementos de constituição do enunciado, assegura que o primeiro deles (seu conteúdo semântico-objetal) “determina suas peculiaridades estilístico-composicionais” e o segundo (seu elemento expressivo) caracteriza a composição e o estilo, isto é, “a relação subjetiva emocionalmente valorativa do falante com o conteúdo do objeto e do sentido do seu enunciado” (BAKHTIN, 2016, p. 47). Tal posição valorativa do falante é encarnada em um material ideológico concreto e organiza inclusive a seleção dos recursos lexicais, gramaticais e composicionais dos enunciados que constituem os gêneros.

Disso decorre também a distinção que Bakhtin (2016, p. 31) estabelece entre a oração como “*unidade da língua*” e o enunciado “*como unidade da comunicação discursiva*”, posto que é apenas pelo enunciado que podemos ocupar dada posição responsiva, isto é, nos posicionar ideologicamente, concordar ou discordar, avaliar, interrogar etc., no ininterrupto fluxo da comunicação discursiva em que nos inserimos. Essa dimensão pode ser associada a características do signo ideológico, desenvolvidas por Volóchinov (2018, p. 93): “Onde há signo há também ideologia. *Tudo o que é ideológico possui significação signica*”, ou seja, no âmbito da comunicação discursiva, entendemos que as esferas sociais não se dão à parte das questões ideológicas que constituem os enunciados e, em consequência, os gêneros do

discurso. Há, portanto, nessa perspectiva, um universo de valores ideologicamente formado que é também inseparável da materialização dos gêneros que circulam socialmente e que precisa ser considerado, quando nos propomos a pesquisar ou a trabalhar com a linguagem partindo desses pressupostos.

A relação entre enunciado, comunicação discursiva e ideologia também pode ser associada ao que Volóchinov (2018) aborda a respeito da ideologia do cotidiano e dos sistemas ideológicos constituídos. Ele diz que a ideologia do cotidiano está para a comunicação cotidiana, que é “extremamente rica em conteúdo” e que, por um lado, “entra diretamente em contato com os processos produtivos e, por outro, relaciona-se com as várias esferas ideológicas já formadas e especializadas” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 99). Nessa perspectiva, “os sistemas ideológicos formados – a moral social, a ciência, a arte e a religião – se cristalizam a partir da ideologia do cotidiano e, por sua vez, exercem sobre ela uma forte influência inversa, e costumam dar o tom a essa ideologia do cotidiano” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 213).<sup>9</sup>

O que acontece, portanto, é uma retroalimentação, uma ligação orgânica entre as duas dimensões. A ideologia do cotidiano, para Volóchinov (2018, p. 107-109), pode ser entendida a partir da noção de psicologia social, que se realiza “na palavra, no gesto, no ato”, como “universo de *discursos verbais* multiformes que abarca todas as formas e todos os tipos de criação ideológica estável: as conversas dos bastidores [...], as conversas informais eventuais, o modo de reagir verbalmente aos acontecimentos da vida e do dia a dia [...]”. Esses discursos verbais articulam-se a outras formas de interação, como expressão facial e gesticulação, ligando-se à situação social concreta, que, nessa psicologia social, acabam acumulando mudanças e alterações que passarão a ser expressas em “produtos ideológicos acabados”. Tais reflexões fomentam considerações sobre os gêneros discursivos no que diz respeito ao tema e às formas e tipos de comunicação discursiva, considerando que “cada época e cada grupo social possui o seu próprio repertório de formas discursivas da comunicação ideológica cotidiana” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 109).

Essa reflexão pode ser associada ainda à relação entre os gêneros primários e gêneros secundários, como se vê no ensaio sobre os gêneros discursivos, em que Bakhtin (2016, p. 29) apresenta a importância do diálogo estrito (face a face) como uma forma de ideologia do cotidiano que, ao ser incorporada no gênero secundário, como é o caso do romance por exemplo, transforma também seu modo de refletir e refratar a realidade, alimentando os sistemas ideológicos constituídos. A diferença fundamental para que possamos compreender as nuances de constituição do diálogo na organização seja dos gêneros primários seja dos secundários está no entendimento que teremos das ideologias que são típicas das esferas em que os gêneros se concretizam, pois todo enunciado “é pleno de *tonalidades dialógicas*”

---

<sup>9</sup> A ideologia do cotidiano é composta por uma camada inferior e outra superior. Enquanto a primeira, mais estática, distancia-se dos sistemas ideológicos constituídos, a segunda, mais dinâmica e mais criativa, aproxima-se deles e com eles mantém uma relação recíproca de influência (VOLÓCHINOV, 2018).

(BAKHTIN, 2016, p. 59) que podem ser (des)veladas quando nos debruçamos sobre os fios ideológicos que lhe compõem.

Volóchinov (2018, p. 219), nessa direção, destaca, por um lado, a importância do diálogo como uma das formas de interação discursiva, e enfatiza, por outro, a constituição dialógica de toda comunicação discursiva, independentemente de sua forma. O autor cita como exemplo um livro, “*um discurso verbal impresso*”, que “também é um elemento da comunicação discursiva (e que) participa de uma espécie de discussão ideológica em grande escala: responde, refuta ou confirma algo, antecipa as respostas e críticas possíveis, busca apoio e assim por diante”. Para Bakhtin (2016, p. 68) e o Círculo, todo enunciado tem autor e destinatário, por isso é construído levando em conta as atitudes responsivas do outro: “o direcionamento, o endereçamento do enunciado, é sua peculiaridade sem a qual não há nem pode haver enunciado”, portanto, o direcionamento é uma característica do gênero do discurso, que “em cada campo da comunicação discursiva tem a sua concepção típica de destinatário” (BAKHTIN, 2016, p. 63).

Nas projeções feitas ao interlocutor, de acordo com Volóchinov (2018, p. 205), “na maioria dos casos, pressupomos um certo *horizonte social* típico e estável para o qual se orienta a criação ideológica do grupo social e da época a que pertencemos”. Nesse sentido, a palavra tem uma grande importância, porque, enquanto signo ideológico, “reflete e refrata a existência em formação”, participando de “toda interação e de todo contato entre as pessoas” (trabalho, lazer etc.). “Na palavra se realizam os inúmeros fios ideológicos que penetram todas as áreas da comunicação social”, o que leva a palavra a ser “o *indicador* mais sensível das *mudanças sociais*” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 106). As ênfases valorativas, expressivas ou axiológicas da palavra, que expressam a avaliação ou posição tomada, correspondem a facetas ideológicas.

Sob esse prisma, para o tratamento da língua em uso, em sua complexidade, Volóchinov (2018), em *Marxismo e filosofia da linguagem*, apresenta duas importantes orientações metodológicas. A primeira delas, designada como “exigências metodológicas fundamentais” (p. 110), é constituída de três instâncias. A segunda ordem metodológica (p. 220) também está organizada em três dimensões, que entendemos interdependentes.

Propomos, a seguir, a aproximação entre as duas orientações metodológicas, visando a apresentar características importantes para os fundamentos das práticas de pesquisa e de ensino.

## Orientações Metodológicas<sup>10</sup>

| <i>Exigências metodológicas fundamentais</i>   | <i>Ordem metodológica</i>   |
|--|---|
| <ol style="list-style-type: none"> <li>1. <i>Não se pode isolar a ideologia da realidade material do signo</i> (ao inseri-la na “consciência” ou em outros campos instáveis e imprecisos).</li> <li>2. <i>Não se pode isolar o signo das formas concretas da comunicação social</i> (pois o signo e uma parte da comunicação social organizada e não existe, como tal, fora dela, pois se tornaria um simples objeto físico).</li> <li>3. <i>Não se pode isolar a comunicação e suas formas da base material.</i></li> </ol> | <ol style="list-style-type: none"> <li>1) [...] formas e tipos de interação discursiva em sua relação com as condições concretas;</li> <li>2) [...] formas dos enunciados ou discursos verbais singulares em relação estreita com a interação da qual são parte, isto é, os gêneros dos discursos determinados pela interação discursiva na vida e na criação ideológica;</li> <li>3) [...] revisão das formas da língua em sua concepção linguística habitual</li> </ol> |

Fonte: As autoras (2020) - Tabela elaborada com base em Volóchinov (2018, p. 110, 220).

Ao aproximarmos as duas orientações metodológicas, podemos perceber que a primeira, em seu todo, propõe-se ao tratamento do signo ideológico em seu engendramento social, orientando para o não isolamento de elementos que devem ser vistos inter-relacionadamente.<sup>11</sup> A segunda orientação, por sua vez, de acordo com Volóchinov (2018, p. 220), “é fundamentada para o estudo da língua”. Podemos observar, entre as duas orientações, elementos afins em cada uma das suas instâncias.

No que tange à primeira instância, é possível destacar, por um lado, o princípio de que os signos são ideológicos e que, portanto, não podem ser tomados como sinais que se relacionam de maneira objetiva e à parte das diferentes ideologias. Por outro lado, podemos entender que toda forma de linguagem (verbal e não verbal) deve ser observada em sua concretude inseparável do seu contexto sócio-histórico, o que nos permite associá-la à esfera de comunicação discursiva a partir da qual os discursos são produzidos. Logo, toda forma de expressão do sujeito é considerada como material ideológico que está intimamente relacionado à esfera de atividade e às situações comunicativas em que os signos emergem.

A segunda instância, que, em ambas as orientações metodológicas, ganhou um maior tratamento, pode ser entendida, de um lado, a partir da indissociável relação entre o signo ideológico e as formas de comunicação organizadas, de outro, a relação entre as formas dos enunciados e a sua interação, ou seja, os gêneros integrados às interações ideológicas. Entendemos, desse modo, que as duas orientações se complementam para dar ênfase aos gêneros como uma das instâncias indispensáveis de análise, que, em sua dinamicidade e heterogeneidade, estão ligados organicamente com a interação social e com as ideologias, das quais são parte fundante.

No que diz respeito à terceira instância, há um pressuposto da relação intrínseca entre as formas da língua e a sua existência real, como palavra enquanto signo ideológico. Para Volóchinov (2018, p. 106), “o problema da correlação entre a base e as superestruturas [...] pode ser, em grande parte, compreendido justamente no material da palavra”. Assim, é via dialética do signo ideológico, considerada pela análise do material concreto da palavra,

<sup>10</sup> Seguimos a grafia da numeração tal qual apresentada na obra consultada.

<sup>11</sup> Todas as três instâncias começam com: “Não se pode [...]”.



que podemos melhor compreender suas multiacentuações e os valores que (trans)formam ideologicamente a sociedade. Do mesmo modo, quando Volóchinov (2018, p. 2020) propõe a “revisão das formas da língua em sua concepção linguística habitual”, temos de entendê-la como as formas da língua em uso, ou seja, no enunciado, na corrente da comunicação discursiva. Por isso, a análise será do enunciado, considerando, dentro outros aspectos, a dialética do signo ideológico, a pluralidade de vozes, as posições axiológicas.

As orientações metodológicas, propostas por Volóchinov (2018), enriquecem o olhar sobre os gêneros do discurso, objeto de nossa reflexão, ao darem ao gênero um papel central na análise da linguagem. Afinal, seguindo esses princípios, é pela análise dos gêneros, buscando melhor compreender como eles se produzem, organizam e circulam socialmente, que poderemos considerar a linguagem a partir de seu constitutivo engendramento entre a palavra da vida real (enquanto signo ideológico), os enunciados (verbais e não verbais) materializados e as esferas sociais em que eles se formam.

Desse processo complexo e multifacetado, podemos dizer, decorre a natureza dialógica do discurso e(m) sua consequente fusão entre palavras e valores que se articulam e (re)constroem o ininterrupto processo da enunciação. Em outros termos, todos esses aspectos, tomados em conjunto, permitem-nos considerar, portanto, as palavras e(m) suas facetas ideológicas, pois “toda palavra é um pequeno palco em que as ênfases sociais multidirecionadas se confrontam e entram em debate” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 140). A esse encontro está também a afirmação desenvolvida por Bakhtin (2016, p. 61), nos anos de 1950, de que todo objeto do discurso pertence “inevitavelmente a um palco de opiniões de interlocutores imediatos (na conversa ou na discussão sobre algum acontecimento cotidiano) ou com pontos de vista, visões de mundo, correntes, teorias, etc. (no campo da comunicação cultural)”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo, desenvolvemos reflexões sobre a noção de gêneros discursivos a partir de Bakhtin, Volóchinov e Medviédev, considerando suas diferentes produções intelectuais, desde aquelas produzidas durante os encontros do Círculo até a escrita do ensaio sobre os gêneros, publicado posteriormente (nos anos 50) e assinado por Bakhtin. Nossa abordagem procurou contemplar três dimensões, que consideramos fundamentais para a compreensão da constituição dos gêneros, sem querer esgotar a complexidade do conceito: a relação entre gêneros e enunciado, gêneros e esfera de atividade e gêneros e ideologia.

Resumidamente, podemos dizer, tendo em vista o conjunto da reflexão, que a concepção de gênero está centrada no ser humano em sua complexa rede de interações sociais, especialmente se considerarmos que os gêneros são resultantes das nossas atividades



e que nos comunicamos por gêneros. A abordagem dialógica, nesse âmbito, resgata essa complexidade ao explicar as diferentes dimensões do enunciado, que varia de uma simples palavra a um romance de vários volumes, que sempre se materializa em gêneros, que sempre está integrado a uma ou mais esfera de atividade e que sempre é ideológico.

O enunciado, sob esse enfoque, é produzido nas interações sociais a partir da relativa estabilidade de outros enunciados já reconhecidos, ou seja, a partir dos gêneros do discurso. Com essas ponderações e considerando ser o enunciado a unidade mínima da comunicação discursiva, não há como pensar uma dimensão sem a outra: havendo enunciado, há gênero, e vice-versa. Da mesma forma, havendo gênero há esfera, já que as esferas de atividade, como o próprio nome indica, são constituídas por atividades humanas que produzem seus tipos de enunciados verbais e não verbais, os gêneros do discurso, que são tão dinâmicos e heterogêneos quanto são as atividades. A ideologia, nessa direção, é constitutiva de toda prática humana. No que tange aos gêneros, é uma condição de existência, uma vez que os gêneros se articulam, ao mesmo tempo, a esferas ideológicas e a enunciados, que têm vida pelas posições axiológicas tomadas pelos sujeitos do discurso em determinadas condições sócio-históricas.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso** [1952-1953]. Organização, posfácio, tradução e notas de Paulo Bezerra. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2016.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem e Diálogo: As ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola, 2009.

GRILLO, Sheila. **Divulgação científica na esfera midiática**. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

GRILLO, Sheila. **A noção de campo nas obras de Bourdieu e do círculo de Bakhtin: suas implicações para a teorização dos gêneros do discurso**. *Revista da Anpoll*. n. 19, 2005, p. 151-184, Campinas, jul.-dez.

MEDVIÉDEV, Pavel N. **O método formal nos estudos literários** [1928]. Introdução crítica a uma poética sociológica. Tradução de Sheila Grillo E. V. Américo. São Paulo: Contexto, 2012.

SOBRAL, Adail. **Uma proposta bakhtiniana de estudo dos gêneros discursivos**. In: BRAIT, B; MAGALHÃES, A. S. *Dialogismo: teoria e(m) prática*. São Paulo: Terracota Editora, 2014. p. 19-36.

SOBRAL, Adail. **Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2009.

VOLOCHÍNOV, Valentin (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas**



fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem [1929]. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2018.

VOLOCHÍNOV, Valentin (Círculo de Bakhtin). **Estilística do discurso literário II: A construção do enunciado** [1930]. In: VOLOCHÍNOV, Valentin. *A palavra na vida e na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2019a, p. 266-305.

VOLOCHÍNOV, Valentin (Círculo de Bakhtin). **A palavra na vida e a palavra na poesia: para uma poética sociológica** [1926]. In: VOLOCHÍNOV, Valentin. *A palavra na vida e na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 1ed. São Paulo: Editora 34, 2019b, p. 109-146.